ANO 9.º — Sexta-feira, 5 de Maio de 1916 — NUMERO 420

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro
—(∘)—
PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—Aveiro

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

UM EPISODIO DA GUERRA

Um episodio! Quantos? Quantos rasgos de heroismo, de audacia, de generosidade, de bravura não passam anonimos, não ficam desconhecidos na acção individual de cada combatente, nessa luta em que cada soldado é um patriota, cada patriota um heroi e cada heroi um gigante, multiplicando forças, reunindo energias, na santa emulação de dar pela Patria a maior soma do seu esforço, a maior porção do seu sangue?

Quantos? Quantos, que acto continuo pagam com a propria vida uma acção de temeridade, um rasgo de bravura, que a Patria coroaria com os loiros da gloria, mas que uma bala inimiga coroou antes com as névoas da morte?

Quantos, que com a propria vida sepultaram entre montões de cadaveres, entre charcos de sangue, gestos da mais audaciosa valentia, arrojos épicos que fariam deles épicos herois, e por cujo sacrosanto esforço ali perdido, cortado pelas rajadas de ferro do inimigo, nem o nome modesto poderão ter entre os de outros bravos que á Patria tudo deram, perdidos eles, desconhecidos, na amalgama de carne, de terra, de aço, em que os confundiu a derrocada da batalha?

Quantos?!... Quantos!...

* *

A 23 de fevereiro partira de Marselha para o Oriente, a bordo do *Provença*, um contingente de reforço ao corpo expedicionario francês nos Dardanélos. Toda a viagem correra optimamente. O navio navegava com precaução, vigiando cuidadosamente a superficie das aguas. A bordo, a ancia da luta era o objecto unico de todas as palestras entre soldados e marinheiros, todos almejando pelo momento soléne de batalharem pela Patria, de levar a toda a parte o nome dessa gloriosa França que ha dois anos se bate impavida pela Justiça, pela Razão e pela Liberdade.

Cada peito um valente, cada alma um heroi!

No remanso negro das aguas, escondido, agachado no seio das ondas, entretanto, o salteador dos mares—o submarino—aguarda com paciencia a passagem da vitima para ataca-la de surpreza, para feri-la impunemente do seu esconderijo de covarde.

O *Provença* avança, o submarino espreita...

No paquete, a tranquilidade dos que conhecem o Dever e sabem que é no desempenho desse Dever que ali se encontram.

No submarino, a tensão nervosa, o sobresalto do assassino que premeditadamente espera a sua vitima.

Depois... o mar que se fende... o rasto espumante do torpedo que avança e aparece... o grito de raiva dos que não poderam descobrir a tempo o inimigo invisivel!

....

Sob a explosão formidavel da traiçoeira arma, apanhado em cheio pela pôpa, o navio levanta-se um momento para logo cair pesadamente nas aguas que se precipitam pelo boqueirão enorme que o torpedo lhe abrira no costado de ferro. A' surpresa do momento, sucede a calma, o sangue frio, a ordem, a placidez, a tranquilidade, que só é apanagio das grandes almas, e todos esperam com a mesma indiferença ou o salvamento ou a morte!...

De longe, o submarino, subindo á superficie, assiste socegadamente á agonia do paquete, á morte dos naufragados.

Rapidamente o navio afunda-se, mal dando tempo de se lançarem os escaleres ao mar e momentos depois, á tona de agua, só se viam distanciados pela vaga, alguns barcos pejados de soldados e o bracejar dos naufragos que a submersão do navio não déra tempo de recolher.

* * *

Numa jangada, trinta ou quarenta desventurados seguem, sem rumo, arrastados pela corrente.

Carregada de mais para a sua capacidade, mergulha na agua constantemente, enregelando os desgraçados que conduz.

Na sua marcha, sem destino, passa por um soldado que pede que o salvem.

Impossivel!...

A jangada submerge-se já com a carga dos que leva.

Helas!—alguem exclama no meio desses infelizes—*Le devoir d'un marin est á abord de sauver les soldats.* Esse alguem, esse super-homem, destacando-se do grupo amontoado no meio da jangada, aprumado, a cabeça nobremente erguida, no rosto aberto a inergia das grandes decisões, dos gestos heroicos, agarra o soldado já meio desfalecido, pucha para cima, salva-o, arranca a sua blusa de marinheiro e precipita-se no mar!

Quem é este bravo?

Quem é este heroi cuja grandeza de alma nada eguala, cujo heroismo eleva uma nação, honra uma Historia, lava a humanidade da lama com que tantos a conspurcam?

Um simples marinheiro. Chamava-se apenas *Gauthier* então, e de hora ávante a Historia dirá dele como de La Tour d'Anvergne:

Gauthier! Morto heroicamente pela Patria no campo da batalha!

Humberto Beça

Films...

Este sim

Lêmos, não nos recorda agora onde, que o paroco duma freguezia sertaneja se dirigiu, ha dias, aos seus paroquianos, durante a missa, exortando-os ao cumprimento do dever perante os perigos que ameaçam a Patria. Aos pais aconselhou-lhes que ensinem a seus filhos o caminho da honra, a estes que o sigam, sem tergiversações, cumprindo todos os preceitos que levam á dignificação do caracter e até ás noivas fez apêlo pedindo-lhes que cariciosamente indiquem aos seus prometidos a estrada que devem seguir. Depois concluiu: *Eu sou padre, mas se a minha presença influir na decisão e honra do meu país, seguirei para o campo da batalha em defêsa da Patria estremecida.*

Noutros tempos era trivial dizer-se: *aqui está um como ha muitos.* Hoje, porêm, são tão raros estes exemplos de amor patrio manifestados pelos que se intitulam *ministros do senhor* que a exclamação não póde ser outra senão esta: ora aqui está um como ha poucos.

Dá-lhe dessas

No ultimo julgamonto do *Democrata* voltou á balha aquele célebre quesito tanto do agrado dos *silverios* por ser contrario ao nosso director, chegando mesmo o representante da acusação a lê-lo ao tribunal para honra e gloria dos seus constituintes.

Nunca vimos quem tanto goste de fazer gala na miseria. Pois continuem porque isso é para a nossa vida neste jornal o titulo mais honroso que possuimos—por desmascarar um gatuno.

Boatos

Não sabemos como existe engenho e arte para tanto. Como se possa inventar assim, fazendo circular o que não lembraria ao Diabo antes da censura. Tudo para arreliar, se é que os boateiros não teem em vista mais alguma coisa...

Fraco gosto.

Corridos

Vem simplesmente funéreo o orgão da *religião dos mortos*.

Pesadamente funereo!

Denegridamente sepulcral!

E' o *De profundis* engasgado e forçadamente entoado á liquidação dum caso, que resultou na maior das vergonhas, na mais deprimente e vexatoria exibição de um sudario que o pó dos anos tinha coberto, mas que a imbecilidade e desplante dum cretino julgou fazer reviver, não esquecendo a possibilidade da colheita dos duzentos escudos de... indemnisação!

Como se ela podesse humanamente constituir-se, dignamente criar-se, honradamente conceber-se em todos os campos e sob todas as fórmas para contrabalançar sequer a unica, a inegualavel, a mais completa e vergonhosa desautoração a que temos assistido!

Não é só nossa esta opinião. Ela é de todos, especialmente de todos a quem, em grande numero, oferecemos o inolvidavel espectaculo.

Cá fóra já se tinham ouvido os nossos clamores. Os brados de indignação, a elevação dos nossos protestos tinham chegado onde foram precisos para evitar a maior ofensa que se poderia cometer á historia patria e á imaculada memoria dum dos seus maiores filhos —José Estevam!

Conseguindo isso, como conseguimos, para nós o resto era nulo, insignificante, diminuto!

Contudo, trouxémos para o nosso lado quem, como ninguem, soube escalpelar, retalhar, espalhando e mostrando da fórma mais completa, toda aquela fétida montureira, todo aquele estendal de miserias que, incomodando os mais indiferentes, não chegou a impalidecer sequer as faces cinicamente estanhadas de toda aquela irmandade de *silverios*, facção *terrivelmente constituida, como qualquer associação de malfeitores*, na insuspeita opinião do advogado e membro da comissão de assistencia aos monarquicos desfalecidos, Jaime Duarte Silva.

O ponto magno, a questão maxima era evitar o confronto. E essa heresia era o sonho dos *silverios*, de *pilecas* á frente, batendo a todas as repartições, inventando todos os processos de manifestar a... espontaneidade dos outros, com assinaturas de senadores, de deputados que a politica mandava navegar nas águas do esqueletico ministro... honorario, como se dizia em tempos idos.

Até a Companhia, pela boca de um dos maiores admiradores do imortal conselheiro, descobriu que era preciso *prestar, em azulejo, um preito de homenagem pelo interesse que este ilustre extinto tomou, a influencia que exerceu para que o caminho de ferro passasse por aquêla cidade e a estação fosse construida no local onde hoje se encontra!*

Espantoso de ridiculo tudo isto!

No bronze da estatua ou no pó do sepulcro de José Estevam, continua a mesma imobilidade e o mesmo silencio.

Contudo, quebrámo-lo nós, não consentindo o confronto que o sr. dr. Joaquim de Mélo Freitas, testemunha do requerente de duzentos escudos de indemnisação por ofensas á memoria do pai, classificou como aquele que fosse feito entre um homem superior e um cavalo!

Não póde haver opinião mais insuspeita.

Aceitâmo-la e calâmo-nos!

O silencio é muitas vezes superior á mais elevada hermeneutica, á mais florida retórica.

A PESCA NA RIA

Palavras claras--Ainda fazendo história -- O "botirão„ através de todos os regulamentos

Temos muito que dizer, declarámo-lo no último número; e, na verdade, êste assunto não se esgota com a facilidade com que teem tentado fazê-lo os defensores avendiços e nativos duma devastação ou abuso estigmatizados, condenados, reprimidos em todos os paises onde o exercicio da pesca merece a atenção que nenhuma autoridade, nenhum govêrno deve deixar de dispensar previdentemente a tão importante elemento de riqueza e economia públicas.

Temos, realmente, muito que dizer; mas o que escrevermôs será sempre dito em termos claros e sóbrios, precisos quanto bastante para que sejâmos entendidos por aquêles para quem escrevemos; e, se o conseguirmos, dar-nos-hemos por satisfeitos, que de bem estamos sempre nós com a nossa consciência e, portanto, livres de pesadelos, enxaquecas e insónias. E' que a *questão* da pesca na ria de Aveiro, tratada com probidade, exposta com desinteresse, desprendimento, sinceridade e clareza, como convêm que seja feito, e só nêstes têrmos o póde fazer quem não tenha escopo diverso do de ser útil á defêsa dos interesses públicos que, na presente conjuntura, reclamam enérgicas e inteligentes medidas de previdência, — esta questão, ou êste assunto, como preferirem, diziamos, não deve ocupar na imprensa distrital um modesto e escondido canto duma noticia banal, nem tão pouco ser versado pela rama. Vamos, por isso, paulatinamente e sem pretensões a sábio—do que Deus nos livre! — mas tambem sem presunções de mestre. Somos o que somos. As presunções e vaidades correlativas, deixâmo-las integras aos que, com um suposto *saber de experiência feito*, não tergiversam em não querer restrições defensivas da enorme, natural e variada riqueza da nossa maravilhosa ria, tão impune e ignorantemente devastada, apesar de todas as medidas e contra todas as medidas de previdencia prescritas em todos os regulamentos ou quaisquer outros diplomas legais a êste importantissimo assunto atinentes, porque, não obstante as ordens emanadas das autoridades legitimas, **a sua observância não foi duradoura, por a capitania do pôrto não ter meios directos de fiscalização e não encontrar auxílio eficaz da parte da autoridade administrativa.**

Foi, de certo, com desalento que o sr. Francisco Regala constatou esta verdade e a registou no relatório que precede o *seu* projecto de Regulamento de há 33 anos.

Da **fiscalização** falaremos noutro artigo. Ela, segundo a opinião incontestável do mesmo sr. Regala, opinião já aqui referida, **tinha de ser enérgica e constante,** isto já em 1883, depois de em 1880 **Manuel Firmino de Almeida Maia haver criado,** pelo *seu* Regulamento de 18 de maio do mesmo ano, **um corpo de polícia com um chefe, seis guardas móveis e quatro fiscais,** todos nomeados em concurso público pela Junta Geral, pertencendo aos guardas, que deviam ser homens robustos, saber ler e escrever, não terem menos de vinte nem mais de quarenta anos, remar os barcos da polícia; aos fiscais, a fiscalização permanente das praças de Ilhavo, Aveiro, Pardelhas e Ovar; e ao chefe, entre outras atribuições, a de **apreender ou fazer apreender os barcos, rêdes ou quaisquer aparelhos não** matriculados **ou autorizados.**

Irra! sr. Manuel Firmino, que também já era ter costela de Drácon!...

Manifestações patrioticas

Deve efectuar-se no domingo proximo uma sessão soléne de propaganda patriotica no Teatro Aveirense, seguida dum cortejo civico que se dirigirá aos quarteis afim de cumprimentar a guarnição desta cidade. O sr. governador civil dirigiu uma circular a todas as colectividades de Aveiro e chefes das varias repartições, convidando a comparticipar das projectadas manifestações marcadas para as 14 horas e com inicio no local indicado, pelo que se espera atingirão desusada imponencia.

O facto de só hoje termos conhecimento desta celebração em todas as capitais de distrito, impede-nos de ampliar mais a noticia como requeria o assunto de que se trata.

1.º DE MAIO

Passou este ano completamente despercebida a chamada *festa do trabalho*, pois nenhuma manifestação operaria se realisou digna de registo. Só algumas associações tiveram durante o dia hasteadas as suas bandeiras.

Dito isto, e porque estamos fazendo história com toda a lialdade, como convêm, para fazer toda a luz possivel nesta questão em que especulação de espécie algúma se deveria intrometer, não é despropósito transcrever na íntegra o *despótico* edital do bacharel Augusto Correia Godinho Ferreira da Costa, secretário geral do Govêrno Civil, datado de 26 de maio de 1868, mandando pôr em execução o Regulamento de 14 de maio de 1867, a que aludimos no número transacto.

Dizia assim:

Mando que seja pôsto em execução o seguinte regulamento:

Considerando que, entre as necessidades da sociedade, a de prover à sua alimentação é das primeiras e mais indispensáveis, e que a exploração da pesca marítima e fluvial é o recurso que, em maiores proporções, pela própria barateza dos seus produtos, póde satisfazer esta necessidade, principalmente ás classes menos abastadas;

Considerando que **na cultura da terra a natureza retira a intensidade dos seus benefícios, quando o homem, por ignorância ou desleixo, não procura auferir dêles proveito, também, por igual desleixo, ou ignorância, os nega na produção das águas, como desgraçadamente o está demonstrando a esterilidade quási completa da ria de Aveiro, outrora tão rica de peixe** (*), e hoje destinada quási exclusivamente à navegação, e à extracção do adubo da terra com privação do alimento do povo, **e perda duma indústria** que, favorecida por boas e fáceis comunicações, poderia **só por si tornar rico quem a ela se dedicasse convenientemente;**

Considerando que **não é conveniente nem lícito que para cómodo dos agricultores se arruíne a indústria da pesca, maiormente na ria de Aveiro, onde póde ser tão lucrativa;**

Considerando quão lastimoso seria que êste distrito, dotado dum manancial de riqueza oferecido por sua ampla bacía de águas, extensa costa marítima e pelo rio Vouga, **permanecêsse por mais tempo no abandôno da piscicultura,** quando esta arte está hoje recebendo em países estrangeiros, com felizes e surpreendentes resultados, o aperfeiçoamento que recebem muitas outras artes e indústrias humanas, **estado êste ainda mais digno de lástima quanto são geralmente conhecidas as causas do mal e fácil o remédio;**

Considerando as evidentíssimas vantagens que resultarão de se proteger a fecundação e criação dos peixes, já removendo os obstáculos que a ignorância, ou **mal intendida ambição, opõe aos trabalhos da natureza,** já promovendo o conhecimento da fecundação artificial, isto é, a prática da piscicultura entre **a classe piscatória,** para que melhor conheça o que convêm a seus legítimos interesses, e de acôrdo com êles **observe e cumpra as leis e regulamentos da pesca;**

Considerando que de todas as câmaras municipais, às quais a ordenação do reino delegou a faculdade de bitolar a menor capacidade da malha das rêdes de pesca, apenas a de Castelo de Paiva estabeleceu esta bitola, mas dum modo irregular e contrário à lei, porque, permitindo a malha por onde passe uma moeda de prata de 240 réis, o que corresponde a 15 milímetros por lado, ou menos, se a moeda fôr cerceada, permitiu o que se pretendia proìbir;

Considerando que a costa, a ria e os rios navegáveis são propriedade nacional, e que por isso compete à administração pública regular o exercício da pesca e polícia respectiva;

Considerando que a tolerar-se a continuação dos abusos existentes, todos os esforços seriam baldados para melhorar a indústria da pesca, e que a sucessiva diminuição das espécies seria a sua conseqüência inevitável;

Considerando que **as primeiras providências, entre outras, a adoptar desde já consistem** em facilitar a livre entrada e saída dos peixes, quando tenham de passar da água doce para a salgada e desta para aquela, durante o período do desovamento, e **na observância da lei proìbitiva de certas rêdes toleradas por abuso e ignorância duns e incúria de outros e sempre com prejuizo do cultivo das águas e da alimentação do povo;**

Vistas as disposições da ordenação, livro V, título 88.º, alvará de 3 de maio de 1803, código penal, artigos 254.º e 255.º, e código administrativo, artigos 120.º, § 1.º, 224.º, n.ºs 5.º e 13.º, e 227.º, n.º 6.º, tenho por conveniente determinar que se observe o seguinte Regulamento.

E até ao próximo número. Mas fique já o leitor atento sabendo que êste Regulamento proìbia o *botirão*, o secular *botirão*, o qual, apesar da sua provecta idade, ainda não gozou um instante de lazer, para que lhe acomodassem a malha às dimensões que sucessivas tolerâncias lhe teem concedido.

(*) Não esquecer que esta recriminação foi feita há 49 anos.

FALTA DE PAPEL

O *Democrata* começa hoje a saír em formato um pouco mais pequeno devido á casa fornecedora do papel não poder mandar o que lhe fôra encomendado nos principios de Abril, alegando não ter sequer uma folha do antigo tamanho nem saber quando a fabrica lho enviará. Acostumados a fornecermo-nos em grandes quantidades, já as ultimas remessas haviam sido reduzidissimas, o que ainda mais cáro tornava esse artigo, cujo preço atingiu o tripulo do da época normal, sem que tenhâmos a mais leve esperança de o tornarmos a comprar tão cêdo em melhores condições. O que nunca esperámos, todavia, é que o tivéssemos de substituir por outra marca em consequencia da escacez que se nota no mercado, mas visto que outro remedio não ha curvêmo-nos à evidencia dos factos, embora contrariados.

Como compensação aos nossos presados assinantes dar-lhes-êmos o jornal composto em corpo 10 e 8, sacrificando sempre que seja necessario os anuncios, único recurso de que podêmos lançar mão, até que se modifique êste estado de coisas a que obriga o rompimento das hostilidades entre as várias nações da Europa.

Eterna gratidão

Enternecidamente agradecemos as palavras de leal camaradagem e de absoluta identificação de principios e de doutrina essencialmente democratica que o nosso colléga *A Razão* nos endereça, relativamente ás causas do nosso ultimo julgamento e da correspondente condenação. Intimamente penhorados as registâmos como a mais alevantada prova de verdadeira independencia que elas traduzem e da nitida compreensão que significam de quanto vale quem ao lado da verdade se coloca, afastando com invejavel e altiva independencia tudo quanto seja a baixa e afrontosa subserviencia a quem quer que seja. Bem haja ao colléga a nobilissima atitude que assumiu, logico corolario da independencia com que se tem até agora dignificado atravez de tudo.

Por isso, toda a nossa gratidão é pouca para corresponder a tão alevantada e lealissima camaradagem embora ela seja uma consequencia natural da nossa situação a dentro dos mesmos principios e do mesmo Ideal.

A nossa eterna gratidão...

Medicos reservistas

O comando militar de infanteria 24 fez afixar editais avisando todas as praças reservistas do regimento, com o curso de medicina e menos 45 anos de edade, que devem entregar no mais curto praso de tempo as publicas fórmas das suas cartas de curso medico, na séde, em Aveiro.

A falta de cumprimento desta determinação importa procedimento disciplinar.

O "Distrito"

—=(*)=—

Ha muito tempo que nos não acontece rir com tanta vontade, como quando lêmos no *Distrito* a maravilhosa descoberta, que, com ares de infalibilidade, ele nos diz ter feito.

Estamos aqui a referir o caso e basta isso para continuar a rir porque franqueza, franqueza, não é para menos.

Aquilo é que é sabedoria!

Que sagacidade, que agudeza de espirito, que prespicácia!

Só por um pronome que escrevemos num determinado artigo, no qual repudiavamos com dignidade a denominação gratuita e descortez de que este jornal é orgão da capitania, o advinhão logo matou que esse artigo, como todos os outros, era da penna do sr. Jaime Afreixo!

E com ares de saloio esperto inicia o registo da sua descoberta com estas palavras: *Já nenhuma duvida temos que o autor dos artigos é o proprio sr. Jaime Afreixo!*

Depois aplaude com calor a sua sagacidade, rival da do famoso José Alho, protogonista da cançoneta do mesmo titulo e exclama, esfusiante de entusiasmo: *Foi uma ratoeira o nosso penultimo artigo sobre pesca.*

O rato, apezar da sua espertesa, caíu na armadilha, ficando preso pelo pescoço!

Cá estamos de novo com outro ataque de riso!

A admiração que nos causa tanta esperteza e tanto aplauso á mesma esperteza, dá-nos para isto.

Quem está na ratoeira não é o sr. Afreixo, mas o extraordinario autor de tanto disparate.

Há, felizmente, bastante quem honre as colunas do *Democrata* com a sua colaboração e alguma dela tem pertencido ao sr. Jaime Afreixo, como todos sabem, porque aquele cavalheiro sempre subscreveu com o seu nome quanto aqui tem publicado.

O artigo que resultou a maravilhosa descoberta e afinadissima prespicacia do zeloso *Distrito*, não é da penna a que a sagacidade inexcedivel do descobridor atribue. Garantimo-lo. E se isso não fôr bastante, diga o *Distrito*, com franqueza, que lhe apresentaremos com muito gosto as provas mais que suficientes da verdade com que lhe falamos, reservando-nos o direito de lhe aplicarmos depois as palmatoadas que merecer.

AINDA BEM

De Vizeu informam-nos que o *homem dos fretes* tem tirado um resultadão com o emprego da anestesia, notando-se ainda a circunstancia de que nada lhe levaram pela receita.

Havia e ha pescadores que empregam a cóca na apanha do peixe contra o que até agora o *Distrito* ainda se não revoltou. E' certo que a cóca é um veneno do qual os seus primeiros sintomas consistem em perturbar os movimentos dos peixes facilitando assim a sua colheita. A anestesia de que tratâmos, pelo contrario, facilita todos os movimentos sem que se produzam dôres ou cansaço, o que se torna util, como se vê, a quantos tenham de uza-la como indispensavel a trabalhos da sua profissão.

A sciencia dos homens, a sciencia dos homens!

Afinal em tão pouco um tão grande beneficio...

Máu serviço

Anda por aí muita gente a queixar-se do pessimo serviço das autoridades quanto ao arrolamento de milho e distribuição das senhas para compra do mesmo cereal, segúndo a tabela, tendo-se-nos já dirigido nesse sentido um pequeno agricultor que protesta contra o modo como se está procedendo, explicando as razões.

Se é como ele diz, não resta duvida que ha desegualdades e desegualdades flagrantes. Deverão elas subsistir? De fórma alguma. O assunto, por assaz melindroso, precisa ser tratado com ponderação. Só assim. De contrario, póde ser que nos enganêmos, mas o efeito não corresponde ao socêgo de espirito imprescindivel na época que atravessâmos.

Por isso o aviso que aqui fica, endereçado a quem de direito.

Ao povo português!

E' assim intitulado o primeiro manifesto da sub-comissão de propaganda pela imprensa da Junta Patriotica do Norte, ao qual dâmos publicidade na integra, tornando-o extensivo aos nossos leitores:

Cidadãos!

A Alemanha, obsecada pelo cesarismo e desvairada pelo militarismo, declarou guerra a Portugal.

Em guerra estava a Alemanha comnosco, ha muitos anos, guerra incessante, guerra absorvente, guerra ardilosa, guerra crúa e sangrenta, por vezes.

Que foi senão guerra a atitude da Alemanha na célebre conferencia de Berlim de 1885, em que os mais caros interesses de Portugal foram por ela postergados, especialmente na bacia comercial do Congo?

Que foi senão guerra o latrocinio cometido pela Alemanha, quando em vez de estabelecer a fronteira do Sul de Angola, no Cabo Frio, impôz a do rio Cunene?

Que foi senão guerra a pretenção absorvente de tudo quanto ocnstituisse possessões de Portugal, contra a qual nobremente se levantaram, em pleno parlamento, os proprios poderes publicos da Grã-Bretanha, fazendo sentir que passar além do cabo Delgado seria calcar aos pés direitos incontroversos de Portugal, direitos assignalados por vestigios manifestos da acção civilisadora portugueza, quando mais não fôsse, com sinais postos em proveito da navegação mundial?

Que foi senão guerra a extorsão ignominiosa de possessões manifestamente nossas, como era Quionga, hoje, felizmente, restituida á posse de Portugal?

Que foi senão guerra de ardis e de vis interesses mercantis, a imposição da Alemanha, em 1913, para, sob a capa de um irrisorio imposto de transito, ser permitida a entrada pelos portos e fronteiras da nossa Angola de quantas mercadorias os alemães quizessem levar para a sua e para a nossa Africa Ocidental, com prejuizo consideravel para a industria portugueza?

Que foi senão guerra, guerra á mão armada, guerra marcada com o sangue portuguez, o ataque e saque do posto de Mazina, na nossa Africa Oriental, por um grupo de alemães, em principios de setembro de 1914?

Que foi senão guerra, a ferro e fogo, já não pelos elementos sem responsabilidade oficial, mas por forças regulares, armadas e equipadas, sob a direcção das autoridades alemãs da Demaralandia, o massacre traiçoeiro das guarnições e habitantes do Cuangar e outros fortes do Cubango?

Que foi senão guerra, guerra iludindo a Verdade e esmagando a Historia, a propaganda feita na imprensa da Alemanha pela penna dos seus professores, dos seus publicistas, pretendendo negar a posição dominante de Portugol na civilisação do mundo e sobretudo na civilisação da Africa?

Tudo isso era, em verdade, a acção, mais ou menos encoberta, de um inimigo formidavel que espesinhava o Direito, só para servir e saciar a sua desmedida ambição de riqueza e predominio.

Depois de rebentar a grande guerra europeia, a tragi-comedia mudou de scenario e de personagens. A Alemanha passou a querer vêr em Portugal não a nação gloriosa e independente á qual ainda em 1908 não duvidára apertar a mão honrada, num tratado de comercio, mas a aliada secular da Inglaterra, companheira de armas do soldado portuguez nas mais belas jornadas que assignalam o heroismo do nosso exercito e o brio de um povo cioso da sua independencia.

Feria os duros ouvidos da Alemanha o éco das declarações leais que em Portugal se faziam, a proposito da aliança luso-britanica; ofuscava os seus vêsgos olhos, empanados pelo sangue de tantos milhões de victimas da sua crueldade e da sua ambição, o dôce quadro de um pequeno povo, tão grande nos exemplos de respeito á fé dos tratados. Ignobil surdez, ominosa cegueira!

Pretendia, talvez, que lhe seguissemos a traça moral e politica, iludindo os pactos que desde o seculo XIV, há cinco seculos feitos, prendeu Portugal á Inglaterra e que ainda há doze anos, em 1904, foram ractificados em Windsor. Se pretendia similhante infamia, redondamente se enganou! Digâmos-lho, todos, com orgulho!

Os factos aí estiveram para lhe arrancar todas as ilusões, a proposito da atitude de Portugal.

Mal rebentou a guerra, a 7 de agosto de 1914, o governo portuguez fez perante o parlamento declarações que não davam logar a duvidas. A 23 de novembro daquele ano, o Congresso da Republica Portugueza autorisava, por aclamação, o poder executivo a intervir militarmente na lucta armada, quando e como julgasse necessario aos nossos altos interesses e deveres de nação livre e aliada da Inglaterra. Numa nota elucidativa enviada então pelo governo á meza do Congresso declara-se perentoriamente que logo no principio da guerra Portugal afirmára espontaneamente que estava pronto, como aliado da Gran-Bretanha, a dar-lhe todo o concurso e que «o governo inglês, apreciando altamente este claro testemunho de cordeal solidariedade, convidára, com entranhavel reconhecimento, o governo português a contribuir, de facto, consoante entre ambos se estipulasse, com a sua cooperação militar.»

O governo do imperio alemão, teve, sem duvida, conhecimento destas declarações formaes; mas entendeu fingir se surdo, como nas selvas a féra aguardando o mais propicio momento de formar o salto.

Outras declarações e diversos actos do parlamento e do governo português, completaram subsequentemente a evidencia da atitude de Portugal ao lado da Inglaterra, na guerra europeia.

Faltava um pretexto para afivelar a mascara de novas represalias. Achou-o a Alemanha numa nota do governo português, com data de 23 de fevereiro ultimo, dando conhecimento da requisição, com as competentes indemnisações, dos navios mercantes alemães surtos em portos portuguêses, em face das necessidades do país.

O kaiser, pela voz do seu governo, desde logo protestou, invocando *quebra de direito*, sem que talvez lhe tremesse a mão ao blasfemar assim do Direito e da Justiça, que a Alemanha despojára das suas vestes augustas para os expôr andrajosos nos campos da batalha, revolvidos pela metralha e regados por torrentes de sangue!

Não é, porêm, de estranhar que assim se houvesse para com Portugal quem, para se justificar da violação do direito das gentes na invasão da Belgica, ousára classificar de *farrapos de papel* tratados firmados com todas as formalidades inerentes a convénios respeitaveis.

Sempre cega, sempre dementada pelo odio, a Alemanha fingira esquecer que ao gesto da Italia, utilisando navios alemães, não correspondera com igual protesto.

E' que, ferindo Portugal, feria a Gran-Bretanha! Eis tudo!...

Cidadãos!

Caíu a mascara! A Alemanha pretendia, evidentemente, que fossemos uma nação sem honra, perante essa aliança batisada de *indestructivel* por Herculano, porque foi nos campos de Aljubarrota e em frente dos esquadrões francêses e castelhanos que a invencivel infanteria inglêsa jurou, com os cavaleiros portuguêses, que a nossa terra seria livre.

Unâmo-nos, pois, para manter integro esse juramento! Façâmos

de nossos peitos um rigido antemural, capaz de aguentar as mais fortes arremetidas do inimigo!

A Alemanha pretendia que fossemos perfidos, como se não nos abonasse a velha honra, a antiga lealdade portuguêsa.

Respondâmos-lh·, um por todos e todos por um, que sômos formados do mesmo caracter de bronze, da mesma fortaleza de aço que tanto nobilitaram os nossos maiores!

A vitória, em todos os campos, será nossa!

É CLARO

A *Razão* vem revoltadissima contra o principio que vários jornais defendem, de que seria honesto e até mesmo politico, a substituição de algumas autoridades administrativas.

Tem toda a justiça aquele jornal no seu modo de vêr.

Substituidas algumas autoridades, era capaz de ir-se embora o sr. Francisco da Encarnação, que ha mêses está, felizmente, representando o maior padrão de moralidade, de direito e de democracia que se póde imaginar a dentro desta *união sagrada*, que para ele resulta o embolsado melhor de quatro vencimentos mensais correspondentes aos quatro logares que desempenha!

Acabar com isso, substituindo o preclaro governador civil, que tal tolera e mantem, não seria ofender os grandes principios da moralidade democratica que tão proficua e honestamente vem defendendo o grande paladino na imprensa caseira, de que é mentôr o ex-ministro Barbosa de Magalhães?

Certamente.

Acima de tudo, a barriga.

Estamos, por isso, com o *valente* semanario e tambem ao lado dos vários interessados e defensores da mesma sã doutrina. Até com aqueles que andam ha muito a espreitar a conservatória de Guimarães e vários outros pontos do país...

Não nos repugna, portanto, juntar os nossos protestos aos do *independente* jornal, gritando com ele:

Abaixo os indisciplinados, os falsos republicanos que não compreendem os altos principios da moral e fraternidade democratica!

Abaixo, abaixo!

Para a Cruz Vermelha

Por iniciativa do Internato Particular da Olaria de que é directora a sr.ª D. Anatilde Augusta Duarte Silva, presada irmã do nosso bom amigo capitão Belmiro, realizou-se no domingo um atraente saráu no Teatro dos Bombeiros Voluntarios de Ovar, cujo produto se destina ao fundo da benemerita Sociedade da Cruz Vermelha.

O espectaculo decorreu no meio do maior entusiasmo devido á fórma brilhante como todos os amadores desempenharam os papeis a seu cargo, tendo-se, porêm, distinguido D. Adelaide Duarte Silva na poesia *Em Acção* e ainda D. Irêne Santos e D. Arlete M. Bravo Duarte Silva, que receberam fartos aplausos.

Consta-nos que o grupo virá em breve a esta cidade repetir o mesmo programa, reservando-nos para então uma mais circunstanciada noticia sobre o trabalho dos distintissimos ovarenses.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Notas mundanas

Esteve recentemente em Alumieira, onde passou a Pascoa em companhia dos seus, o sr. Manuel dos Santos Barbosa, acreditado industrial e socio da firma Barbosa & Irmãos, de Setubal.

= Consorciou-se na quarta-feira com a menina Florinda Tereza Pereira, irmã do nosso assinante sr. João Freire Sineiro, o sr. Manuel Antonio da Silva, ambos naturais e residentes no logar do Boco, concelho de Vagos.

Os nossos parabens.

= Está de novo nesta cidade exercendo o comando da guarda fiscal o tenente sr. Costa Cabral.

= Veio na quarta-feira acompanhar uma filha que traz a receber educação num dos colégios de Aveiro o nosso velho amigo sr. João Carlos Moreira da Silva, digno secretário da administração do concelho de Mira e distinto farmaceutico.

= Está entre nós o laureado aluno de medicina na Universidade de Coimbra, sr. José Vieira Gamelas, filho do acreditado negociante da nossa praça sr. José Gonçalves Gamelas.

Praça de touros

A câmara concedeu aos srs. Reis & Filho autorisação para ampliarem o redondel que no Rocio fizeram construir sem as condições devidas para o fim a que o destinaram, constando que a primeira corrida será dada ainda este mês.

OUTRO

Que lhe responda a França!—exclamava o *Jaquim*, como em tempos ironicamente o designavam os *bons amigos* de quem ele fôra agora testemunha abonatoria!

Um caracter e como tal lá estava, gesticulando, cuspindo, suando como se puchasse á sirga aquela estupenda prova testemunhal!

Impagavel! Merecendo, sem duvida, na estação das Quintans, o respectivo busto em azulejo, como premio de tanta desfaçatez.

Os cégos do Estoril

Encheu-se por completo o teatro, no sábado, onde, pela primeira vez, foi visto, com surprêsa dos espectadores, o estado de adiantamento intelectual e artistico que um cégo póde revelar quando devidamente ensinado pelos processos do Instituto Branco Rodrigues, cuja benemerencia ultrapassa tudo quanto se possa imaginar de grande em dedicação e desinteresse, trabalho e sacrificio, zêlo, carinho e vontade de ser util á humanidade.

Abriu o saráu por uma alocução do sr. Agostinho de Souza. Disse o ilustre professor do nosso liceu que havia no mundo dois mundos: um enorme que palpita e vive ao sol, o mundo de sensações, o mundo de ilusão, cuja essencia e origem ainda ninguem sabe ao certo, o mundo infinito, o mundo incomensuravel; o outro, que se vê sem olhos, que palpita, ruge e canta, o mundo do Ideal, o mundo do Pensamento, o mundo do Interior em cujo seio tumultua a mó das consciencias. Que nesse mundo viviam os ceguinhos que não conhecem de vasto panorama da naturêsa senão as sombras e que não sentem da vida humana senão as dôres e que no entanto não eram fantasmas, para que errassem ás escuras sintetisando a desgraça e a miseria.

E, pondo em relevo, em imagens intimas e interessantes, toda a psicologia dos cégos e suas relações com o mundo externo, acentuou que com a luz dos olhos não se apagava a luz da alma. Referiu-se á educação e ao trabalho, que sustenta, distrae e dignifica os cégos, subtraindo-os ao seu isolamento e dando-os obreiros do Progresso. Mostrou que a primeira instituição que se fundou para beneficiar os cégos foi o *Hospice dos Qimge Vingts* em França. E nessa altura, incidentalmente, referiu-se em palavras de sentida veneração a essa patria das grandes civilisações que presentemente está irmanada com a Patria Portuguêsa nas mesmas aspirações e na ancia de identicas conquistas de Liberdade e Direito contra o Despotismo e Tirania.

Referiu-se ainda á obra da escola de Tiflologia, Valentim Haüy e de Louis Braille e disse que em sua volta gravitavam astros de primeira grandêsa como Lendernick na Holanda, Hirzel na Suissa, Rodenbach na Belgica... Branco Rodrigues, em Portugal.

Nessa altura, toda a assistencia sauda com uma calorosa salva de palmas o sr. Branco Rodrigues, a quem Agostinho de Souza chama verdadeiro benemerito da Patria e da Humanidade pelo muito que ele faz em prol dos seus queridos cégos, nesta época em que o egoismo é lei comum.

Termina o seu brilhante discurso acentuando que todos os portuguêses sentem nobre orgulho pelo que a acção de Branco Rodrigues em Portugal nobilita a Patria Portuguêsa.

O publico, que por vezes havia interrompido o orador, dispensa-lhe no final uma calorosa ovação, a que se segue o trabalho dos céguinhos constante do programa aqui publicado e que, integralmente cumprido, dá origem aos aplausos repetidos de quantos ocupam a sala maravilhados deante do que a muitos se afigurava impossivel.

O espectaculo prolongou-se até depois das 24 horas, sendo unanimes os elogios que ouvimos tecer ao sr. Branco Rodrigues pela sua obra realmente digna dos maiores encomios, que não lhe regateâmos, e a todos os seus cooperadores, sem distinção, visto não só serem justos como devidos.

TOCA O HINO!

O *Distrito* vem radiante pelo prazer havido no encontro com o *homem dos fretes*—já velho conhecido de outra cidade—que tambem é assinante do catolico jornal, orgão clerical e folhinha indicativa das festas religiosas: mez de Maria, horas de missa em vários templos, dias de jejum, indulgencias, lausperenes, etc., etc.

Por o que sabemos foi grande o regosijo publico pela informação não só da estada do presado amigo do *Distrito*, como ainda pela noticia de que é assinante da gazeta, ficando assim satisfeita a curiosidade dos que procuravam achar a razão justificativa de tanta festa havida no tribunal, com segredinhos, risinhos e *descuidados* apoios ás mãos do reverendo, que passaram *por mares já de ha muito navegados*...

Ai tempos, tempos!

E foi tal a impressão do encontro, que até lá no *Distrito* resuscitaram mortos—sem respeito pela religião dos ditos—e é isso com que mais nos enfurecemos, para apresenta-los como auctores, quando eles nunca passaram de actores.

Actores é que eles foram, embora de pouca valia—muito pouca mesmo...

GRALHAS & C.ª

Devido á precipitação com que foram revistas as provas do ultimo numero, sairam com varios erros alguns dos artigos nele insertos, mas especialmente o do nosso colaborador Humberto Beça, intitulado *Um episodio de cin ilo*...

Que eles nos perdoem confiado em que os leitores corrigiram devidamente o que escapou á revisão.

"ECRAIN„ POLICIAL...

Pela autoridade administrativa de Oliveira do Bairro foi pedida á desta cidade a apreensão dum relogio de nikel e corrente de prata que naquele concelho foram empalmados por Manuel Marques, menor, asilado, que do respectivo internato se ausentou sem licença. O queixoso, José Rodrigues Coelho, que lhe deu guarida, não levou, como se vê, a bem que o rapaz pagasse por esta fórma a sua generosidade. Reclamou. E a judiciaria procedendo a averiguações sempre descubriu que o relogio tinha sido vendido pelo Marques a um caixeiro, de nome Leonardo, da casa Viuva Barros & Filho, desta cidade, pela quantia de 70 cent. por onde se conclue que se a corrente não aparecer já não é grande o prejuizo.

O diabo do garoto...

* * *

A' mesma policia queixou-se Armando Ferreira da Costa, empregado da Agencia do Banco de Portugal, que os gatunos, na noite de 27 para 28 de Abril, lhe assaltaram o seu quintal, levando-lhe, sem respeito nenhum pela propriedade alheia, um galo, que computa no valor de 90 cent., e um cão.

E' o que sucéde a quem põe de guarda á capoeira animais ferozes...

* * *

Foi enviado ao poder judicial um caixote contendo as roupas da infeliz que na ultima semana quiz fazer desaparecer um filho recem-nascido e onde se supõe ter estado a creança escondida durante o tempo que mediou do parto á sinistra resolução.

Com coisas sérias não se brinca; mas a rapariga podia muito bem evitar o sucedido se se não deixasse sugestionar por preconceitos de que hoje já ninguem faz caso.

Pela Patria!

Manifesto á colonia Portugueza do Amazonas

Cidadãos Portuguezes

E' já tempo de despertarmos da letargia fatal de que vimos enfermando, sem motivo justificado, tornados indiferentes e frios perante os mais graves problemas economico-politicos, que consubstanciam a vida de um povo, e os quaes, na hora presente, urge não desprezar para honra do nosso caracter, importando, mais que nunca, não os esquecer para gloria e engrandecimento da nossa querida Patria.

Portugal, terra mil vezes ensopada no sangue de heroes e de martires, acaba de ser atirado a essa fogueira imensa, cujas chamas alterosas e horrendas parecem envolver e querer devorar todo o velho mundo.

Portugal, o nosso berço adorado, na sua quietude de poesia e mansidão, é chamado inesperadamente á luta que um egoismo feroz incendiou para, barbaramente, mutilar toda uma obra de civilisação milenaria.

Portugal, o velho leão de Aljubarrota, na sua historia escrita com o sangue rubro de pulsos indomitos, é mais uma vez, abruptamente, arrancado ao somno secular, para bater-se com estrondo e fragor em defeza do seu amor proprio, da sua independencia altiva e da sua liberdade excelsa.

Portuguezes e cáros irmãos: volvâmos, sem demora, para a Mãe Patria, nossos olhares de destemidos lusitanos; levantemos nossos braços de genuinos descendentes de Viriato para os lares queridos de nossos paes, onde tudo se prepara para a defêsa da honra ofendida, para a vingança da lealdade traída. E' de lá que mil vezes nos chamam, apontando-nos o caminho seguro do dever.

Os imortaes Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque, João de Castro e Nuno Alvares Pereira, são vultos gigantescos que vivem ainda nas paginas mais brilhantes da nossa historia; descançam, cobertos de gloria, em nossos corações de irmãos, onde fazem éco estrondoso os seus feitos homericos e são respeitadas as suas mais lidimas virtudes. E' ainda o seu amor patrio e a sua fé ardente, que hoje nos faz grandes e torna fortes, guiando os nossos passos á conquista de novos ideaes, conduzindo nossa aljava á vitória sobre os mais aguerridos e astutos inimigos.

Portuguêses: cerrar fileiras e ávante pela Patria!

Não temâmos o monstro que ao longe ronca como dragão infernal: *Nossos peitos são baluartes, nossos braços alavancas, nossos dentes roçadouras.*

Cidadãos portuguêses: Com este brado patriotico que, espontaneamente, irrompe caloroso de nossos peitos, vem a presente comissão, sem distinção de classe ou posição social, dar conta a todos os elementos que compõem a laboriosa e honrada colonia portugueza, de que é seu intento e seu maior desejo, congraçar todas as vontades no sentido de angariar a maior soma de auxilios pecuniarios, destinados á sociedade da Cruz Vermelha Portugueza.

Não é ainda o sacrificio da vida que, em nome da Patria, vem solicitar-vos, mas sim fazer sentir a todos os portuguezes residentes no Amazonas que a guerra da Alemanha com Portugal, sendo um facto consumado, tanto deve bastar para que todos, sem excepção de um só, compreendam, antes de mais nada, o sagrado dever da caridade e do altruismo, socorrendo, por intermedio da Cruz Vermelha, os seus irmãos feridos em combate, aliviando, cada um na medida das suas posses, as pobres viuvas e infelizes orfãos, vitimas deste tremendo e monstruoso flagelo—a guerra.

Constituidos, pois, em grande comissão patriotica de socorros á Cruz Vermelha Portugueza, assume a comissão toda a responsabilidade sobre o destino dos auxilios arrecadados, de que, oportunamente, dará contas pela imprensa, cabendo-lhe o direito de exigir, para honra da colonia, a maior solidariedade de todos os portuguezes, toda a generosidade que lhes é propria e a mais alta consideração votada a esta patriotica iniciativa, que exclue, em absoluto, todo e qualquer interesse individual, para tão sómente visar e proteger o bem colectivo, suavisando dores, enxugando lagrimas, salvando vidas.

Viva Portugal! Viva a Patria!

A Comissão

Conego—*João Dias Bento da Cunha, Joaquim Mendes Cavaleiro*, Comendador—*Joaquim G. Araujo*, Comendador—*Luiz Eduardo Rodrigues*, Comendador—*José Claudio Mesquita, Virgilio Goulart, Evaristo José de Almeida, Antonio J. Bordalo, Alberto de Carvalho, Antonio Pinho Maia, Francisco Nogueira Junior, José P. da Costa Oliveira, Francisco Gomes Rodrigues, Antonio Maria Monteiro, Alfredo da Costa Mendes, Joaquim Maria Monteiro, Joaquim Soares Amorim, Paulo Corrêa de Araujo, José Antonio Soares, Bernardino L. Venancio, Manuel Valente de Oliveira, Antonio José Vieira, M. J. Gonçalves, Manuel Adrião* e *José dos Reis Paschoa.*

Amparo

O regulamento dos serviços de recrutamento de 23 de Agosto de 1911, na sua secção V sob o titulo que nos serve de epigrafe, estabelece a seguinte doutrina no seu art.º 175.º:

Os mancebos que forem unico e exclusivo amparo, e sómente pelo seu trabalho sustentarem pae, mãe ou irmão, que não possam alimentar-se por absoluta carencia de meios e se achem em estado de não poder obte-los, e bem assim o exposto, abandonado ou orfão que sustentar só com o seu trabalho a mulher pobre e doente ou sexagenaria que o criou e educou desde a infancia, serão substituidos nestas funções pelas respectivas câmaras municipaes, durante o tempo que fizérem serviço nas fileiras.

§ 1.º—As câmaras municipaes fixarão a importancia dos subsidios a conceder aos mancebos nas condições do presente artigo, que obtivérem deferimento nas respectivas petições.

§ 2.º—Os mancebos nas condições deste artigo serão destinados á arma ou serviço cuja escola de recrutas tivér menor duração.

§ 3.º—Para os efeitos deste artigo, *exposto* é o mancebo nascido de paes incognitos, que o desampararam; *abandonado* é o filho de paes conhecidos que desapareceram, e

orfão é o menor cujo pae e mãe faleceram.

§ 4.º—A concessão referente a amparo, que póde ser requerida pelo proprio recenseado ou pelos membros da sua familia legitima ou adotiva, aos quaes essa concessão por ventura aproveite, não póde dizer respeito senão aos filhos ou irmãos, legitimos ou legitimados (e na falta destes, aos perfilhados) e ao exposto, abandonado ou orfão.

O art.º 176.º fala dos documentos exigidos para justificar a petição do amparo e estabelecendo que todos eles são passados gratuitamente e requeridos em papel branco pelos interessados.

Como complemento a estas disposições a ultima ordem do exercito insere a seguinte circular, que reproduzimos, não só porque a julgâmos louvavel e absolutamente humana, mas tambem para conhecimento de muitas familias a quem o chamamento para as fileiras do seu unico amparo as coloca na contingencia grave da miseria e da fome, cabendo o indeclinavel direito e o sagrado dever de acudir-lhes.

Ei-la:

Serviço da Republica—Comando da 5.ª Divisão do Exercito—1.ª Repartição — Circular n.º 1410—Coimbra, 27 de Abril de 1916.

Sua Ex.ª o General Comandante da Divisão encarrega-me de transcrever para os devidos efeitos a circular urgente, n.º 13 da 3.ª repartição da 1.ª Divisão Geral da Secretaría da Guerra, de ontem, cujo texto se segue: Tendo sido fixado no orçamnnto para o presente ano economico a competente verba de despeza a fazer com subsidios, que serão concedidos ás pessoas a que se refere o art.º 47, do Decreto Lei de 2 de Março de 1911, art.º regulamentado pela secção 5.ª do regulamento dos serviços de recrutamento de 23 de Agosto de 1911, encarrega-me Sua Ex.ª o Ministro da Guerra de dizer a V. Ex.ª para conhecimento das unidades subordinadas ao seu mui digno comando e devida execução que todos os soldados que se encontrem nas condições do referido art.º 47, que por ignorancia da mencionada lei não apresentaram as competentes petições, no praso fixado no art.º 177 do citado regulamento ás respectivas câmaras municipaes e bem assim aqueles, que, depois de alistados, se encontram atualmente nas condições de lhe ser aplicado o preceituado no supracitado art.º 47, ser-lhes-ha concedido por esta secretaría de Estado o devido subsidio para socorrer ao sustento da pessoa de quem fôr o unico amparo, e sómente, pelo seu trabalho. As petições sobre tal assunto serão apresentadas pelos interessados ás autoridades militares sob cujas ordens servirem e instruido com os documentos indicados no art.ª 76 do citado regulamento de recrutamento, com excepção do mencionado no art.º 1.º do mesmo art.º. As disposições desta circular são tambem extensivas ao avô ou avó do requerente. O chefe do E. M. M. R. Ermitão, coronel.

Sendo certo que a letra da circular declara que ao ministério da guerra cabe o abono do referido amparo para as familias dos mobilisados nesta hora, os interessados procurarão nas respectivas secretarías das unidades militares a que pertençam os seus chefes ou protetores as indispensáveis explicações.

O **Democrata** *é o jornal republicano de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

Necrología

Subitàmente, faleceu na Vila da Feira a sr.ª D. Clotilde Ferreira Santos e Sá, dedicada esposa do nosso colega do *Correio da Feira*, sr. José Soares de Sá, a quem por tal motivo acompanhâmos na dôr que ora o compunge.

=Tambem se encontra de luto pela morte dum irmão, o nosso conterraneo e amigo, sr. Angelo Peixinho, a quem apresentamos sentidos pêsames.

=De Setubal chega-nos a noticia de ter falecido no dia 1 do corrente a presada esposa do considerado industrial sr. José Nunes de Azevedo, cuja perda sentidamente deplora acompanhado da restante familia.

As nossas sincéras condolencias.

O DEMOCRATA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias) 1$20
Semestre. $60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte. . . . . 2$50
Avulso. $02

Anuncios

Por linha. . . . . 4 centavos
Comunicados . . . 2 »
Anuncios permanentes, contrato especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.